

Compartilhando tâmaras recheadas com queijo com São Francisco e o Sultão Malik al-Kamil

Jejum e alimentação solidária

Michael Lasky, OFM Conv.

Publicado pela primeira vez em *St Bonaventure Informs*, a revista mensal da Pontifícia Faculdade Teológica de São Boaventura ("*Serctphicum*") - seraphicnm.org.

Seria meu primeiro Iftar, a refeição muçulmana ao pôr do sol que quebra o jejum durante o Ramada. Alguns de nós, franciscanos, havíamos jejuado naquele dia em solidariedade, todos nós famintos enquanto a luz do sol de verão permanecia do lado de fora da janela. As 20h32 em ponto, Alex Kronemer, nosso anfitrião da noite e coprodutor do premiado documentário *The Sultán and the Saint*, saiu da cozinha com um prato de tâmaras recheadas com queijo de cabra. Todos nós pegamos uma delas educadamente e Alex desapareceu na cozinha.

Imediatamente coloquei a iguaria em minha boca e comeci a mastigar. Então, uma das irmãs, segurando seu par no ar, disse: "*Mike, o que você está fazendo? Tem que haver algum tipo de oração antes de comermos, para quebrar oficialmente o jejum*". Eu me vi mortificado e em pânico, enquanto minhas irmãs e irmãos franciscanos me olhavam e abafavam o riso. Enquanto isso, eu tentava decidir qual seria a melhor maneira de remover uma tâmara recheada meio mastigada da minha boca e deixá-la apresentável na minha mão para o "ritual do encontro". Felizmente, Alex voltou à sala, notou que os outros estavam segurando os salgadinhos no ar sem comê-los e perguntou: "O que está acontecendo? Chegou à noite: comam!".

A ligação de Alex com os franciscanos começou quando era um jovem adulto em uma viagem pela Itália. Na Basílica de São Francisco, em Assis, ele decidiu que já tinha visto igrejas suficientes para a vida inteira. Afastando-se lentamente de seu grupo, ele se virou para procurar a saída mais próxima quando seus olhos caíram no afresco de São Francisco e do Sultão Malikil. Ali ele viu algo que lhe era familiar, um muçulmano, e se sentiu atraído por ele. Alex compartilha com frequência como essa experiência plantou nele o desejo de contar essa história de amizade e o debate pacífico de ideias religiosas em meio a uma guerra.



Em 1999, Alex foi cofundador da *Unity Productions Foundation* (UPF). Sua missão "é combater a intolerância e criar a paz por meio da mídia. A UPF produz filmes que contam histórias convincentes (como) parte de campanhas educacionais de longo prazo destinadas a aumentar o pluralismo religioso e cultural, especialmente entre muçulmanos e outras

religiões". Vários franciscanos colaboraram com a UPF na recente produção do filme *The Sultán and The Saint*. O sonho de Alex de contar a história de Malik al-Kamil e Francis se tornou realidade.

Alex fala muito sobre a importância da narrativa moral. Como cineasta, ele reconhece que, no passado, as boas histórias precisavam de um herói e um vilão convincentes. No entanto, quando isso era comparado com a realidade, o produto tendia a ser plano ou muito limpo com o paradigma de mocinhos versus bandidos. Essas histórias binárias não são úteis, pois geralmente criam uma verdade falsa e alternativa sobre a qual o preconceito e o ódio se enraízam e se espalham.

Até mesmo nossa narrativa franciscana ao longo dos séculos é vítima disso, especialmente na história de Francisco e Malik al-Kamil. O que é necessário hoje é uma narrativa moral que mostre os personagens como pessoas reais e multidimensionais. A popular série de TV *Once Upon a Time*^{3 4} faz um excelente trabalho ao reformular os velhos contos de fadas de anos passados de uma forma que se assemelhe às vidas e escolhas complicadas e confusas de pessoas comuns.

Considere, por um momento, *quantos livros e filmes retratam o sultão como um líder maligno que experimenta a graça da transformação por meio da intercessão de São Francisco*.⁴ Algumas fontes chegam ao ponto de falar da conversão posterior do sultão ao cristianismo, apenas para garantir que, no final, os cristãos (os mocinhos) vençam e os muçulmanos (os vilões) percam. Essa narrativa unidimensional é apoiada pelo fato de que, até hoje, a maioria das pessoas se refere ao encontro como: "*O encontro de São Francisco e o Sultão*". O "vilão" nem sequer tem um nome, porque um nome arriscaria permitir que ele fosse visto como uma pessoa multidimensional.

Para mim, a parte mais interessante do filme, *The Sultán and the Saint*, foi conhecer Malik al-Kamil. "O retrato ocidental do sultão foi distorcido pela propaganda das cruzadas e pela falta de conhecimento básico da sociedade e da fé muçulmanas por parte dos escritores cristãos. No Egito, Malik al-Kamil era conhecido por sua tolerância com a minoria cristã. Ele era um homem erudito que adorava conversas cultas com os estudiosos de sua corte. Ele preferia negociar com os inimigos em vez de combatê-los". Foi preciso que um cineasta muçulmano, com alguns amigos franciscanos, se arriscasse a contar a história novamente, como uma história moral, para rerepresentar o sultão do Egito ao mundo, com um nome, Malik al-Kamil (o príncipe perfeito).



Alex conta assim: "Um simples frade cristão chamado Francisco e um governante muçulmano sitiado, al-Kamil, no meio das Cruzadas, decidiram ignorar as histórias imorais que cada lado contava sobre o outro. Eles se encontraram e contaram histórias diferentes de pessoas multidimensionais de fé, cujas histórias começaram muito antes de as linhas de batalha serem

traçadas e continuariam após o fim dos combates. Francisco e al-Kamil se encontraram com a virtude da compaixão".

Essa virtude reside não apenas nos personagens da história em si, como al-Kamil e Francis, mas, ainda mais importante, nos contadores da história e nos ouvintes. Na Doutrina Social Católica, a virtude pessoal é a base de nosso trabalho na justiça social.⁷ A virtude pessoal é o catalisador da amizade solidária, que nos impele a fazer justiça derrubando os muros do racismo e do preconceito construídos com as palavras das falsas histórias de nosso passado e presente.

No dia do Iftar de verão, alguns de nosso pequeno grupo de franciscanos decidiram demonstrar solidariedade passando o dia em jejum como nossos irmãos e irmãs muçulmanos. Isso não foi feito como um gesto vago, mas temos certeza de que tais ações são "uma determinação firme e perseverante de nos comprometermos com o bem comum (nesse caso, o diálogo inter-religioso e a amizade) ... porque todos nós somos realmente responsáveis uns pelos outros". Foi uma maneira de colocar o ato de jejuar, que é encontrado em ambas as tradições, em um plano privilegiado de uma amizade compartilhada por meio de um ato respeitoso de solidariedade. Isso acontece quando, como Francisco e al-Kamil, encontramos a virtude da compaixão, o desejo de "sofrer com o outro", não apenas na fome, mas também nas conversas e nos atos de fé, justiça e paz.

Depois de meu momento inicial de vindicação culinária do Iftar, com as tâmaras recheadas com queijo, nos reunimos em volta da mesa para a refeição. Tomando nossos lugares, Alex nos convidou a dar as mãos e inclinar a cabeça. Antes da oração da mesa do Iftar, ouvi Alex dizer: "Irmão Mike, você poderia fazer a oração?"

Olhei para cima e todas as cabeças estavam inclinadas, exceto a de Alex. Sentindo-me muito despreparado, notei que Alex sorriu para mim e inclinou a cabeça com confiança, da mesma forma que imagino que Al-Kamil tenha feito com Francisco quando eles partiram o pão juntos 800 anos antes. Ao olhar para aqueles que estavam reunidos em torno da mesa com amizade, direcionei meu *olhar contemplativo* para cada um deles e lembrei-me de uma virtude que cada pessoa incorpora em sua vida multidimensional. Vendo em cada pessoa/virtude um reflexo do Divino, orei em voz alta em louvor a Deus: o bom, o sábio, o paciente, o justo, o humilde, o gentil, o persistente, o misericordioso, o esperançoso.